

## MATÉRIA E ABSTRAÇÃO

**Brenda Oliveira do Espirito Santo<sup>1</sup>; Antonio Janunzi Neto**<sup>2</sup>

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

[brenda.oliveira.fsa@hotmail.com](mailto:brenda.oliveira.fsa@hotmail.com)

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail

[anttonyus@yahoo.com.br](mailto:anttonyus@yahoo.com.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** Tomás de Aquino; Teoria do Conhecimento; *Materia Causae*

### INTRODUÇÃO

No que diz respeito ao gênero de conhecimento humano tomista, compreendemos que a atividade intelectual depende da atualização sensorial para que o ato de inteligir aconteça. Como afirmamos em nosso estudo, os sentidos, conhecendo a coisa sensível diretamente, obtêm como resultado desse conhecimento uma imagem sensorial que melhor corresponde à realidade sensível. Por outro lado, o intelecto, possuindo uma natureza imaterial e por isso distinta das coisas tal como se encontram na realidade, só conhece as coisas sensíveis indiretamente. Portanto, após o processo de assimilação e atualização sensorial, a atividade intelectual se encontra apta a realizar uma abstração, por parte do intelecto agente, o qual se volta para a fantasia, abstraindo a espécie inteligível das condições materiais. Conseqüentemente, o intelecto agente se encontra em condições de imprimir no intelecto possível uma espécie inteligível que corresponda a uma semelhança imaterial da coisa extra-mental.

A razão da justificativa tomista para a dependência intelectual de uma atualização sensorial anterior é a seguinte: os sentidos elaboram uma espécie sensível, que até certo ponto corresponde ao máximo grau de semelhança com a coisa sensível, por meio da qual o intelecto agente, ao se voltar para a fantasia, abstrai a forma inteligível das condições materiais e acidentais que caracterizam sua natureza. Assim, dada a materialidade dos órgãos externos, os sentidos entram em contato direto com a singularidade da natureza das coisas sensíveis. Por outro lado, o objeto próprio do conhecimento intelectual corresponde à quiddidade da coisa sensível. Por essa razão, a potência intelectual precisa se voltar para a sensibilidade para abstrair seu objeto próprio de conhecimento, de modo que estabelece uma relação indireta com a essência da coisa sensível.

Considerando o modo como a coisa sensível se encontra na realidade, bem como a ordem e a estrutura do processo de conhecimento humano a questão gerada por nosso estudo diz respeito à relação entre o conhecimento sensível e o conhecimento intelectual, especificamente de que maneira a sensibilidade colabora para a atualização cognitiva. Assim, como argumento favorável a não arbitrariedade da atividade intelectual, vimos na relação entre sentido e intelecto a razão para que o conteúdo intelectual não seja uma produção intelectual sem correspondência com a realidade sensível. Para tanto, obedecendo os limites de nossa temática, encontramos no conceito de *materia causae* uma possibilidade de salvaguardar o intelecto de um processo de conhecimento falso e arbitrário.

### MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A metodologia do presente trabalho tem caráter bibliográfico. A pesquisa que pretendemos desenvolver terá como regra fundamental as leituras meticolosas das seguintes obras de Tomás de Aquino, *Suma Teológica* (volumes I e II), *O ente e a essência* e o

*Comentário ao tratado da trindade de Boécio questões 5 e 6*, deste mesmo pensador. Também serão utilizados outros escritos do Aquinate a exemplo de *Comentário a Metafísica de Aristóteles* (volumes I e II), *Suma Contra os Gentios* (volume I), *Verdade e Conhecimento*, *Questões Disputadas Sobre a Alma*, *Quaestiones Disputatae de Potentia*, além de outras obras de autoria de Tomás de Aquino que se inserem direta ou indiretamente na temática proposta pelo presente estudo e que contribuem para o processo de investigação do tema proposto.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

A noção de *materia causae* (matéria da causa) é apontada pelo Aquinate no contexto da relação entre sentido e intelecto, ou seja, a noção de *matéria da causa* contextualiza a necessidade da sensibilidade para o conhecimento, de modo que tal conceito se encarrega de explicar como esta relação acontece. Assim, conforme apresentamos no último capítulo desta monografia, a noção de matéria da causa explica em que sentido a sensibilidade é uma etapa necessária para o processo de conhecimento intelectual. No entanto, a relação entre sentido e intelecto deve obedecer a alguns limites apontados por Tomás, a saber: 1) nenhuma coisa corpórea pode causa ou agir sobre uma incorpórea;<sup>1</sup> 2) a natureza da potência intelectual é dita imaterial, logo, não se pode admitir qualquer princípio que esteja condicionado à matéria enquanto princípio de individuação<sup>2</sup>.

Segundo as condições apontadas pelo Aquinate, a relação entre sentido e intelecto não deve significar uma ação da sensibilidade sobre a potência intelectual, pois, se assim fosse, seria preciso admitir que os sentidos agem sobre a potência intelectual, o que significaria uma alteração na potência cognitiva. Tal afirmação pressuporia, por sua vez, que uma coisa corpórea pode agir sobre uma incorpórea, o que contradiz uma das condições postas por Tomás para que a sensibilidade seja dita em certo sentido como causa do conhecimento intelectual. Ademais, assumir que a relação entre sentido e intelecto se explique por uma relação causal sem que a primeira regra seja obedecida, tem como consequência a existência de conteúdos mentais condicionados à matéria enquanto princípio de individuação em outras palavras, assumiríamos a presença de elementos materiais ou condicionados à matéria determinada no âmbito do conhecimento intelectual, e por isso imaterial. A relação entre a sensibilidade e a potência intelectual, portanto, deve se submeter primeiramente ao fato de que a diferença entre as naturezas – respectivamente corpórea e incorpórea – impede que os sentidos causem alguma alteração no intelecto. Além disso, a imaterialidade do intelecto impede que qualquer aspecto condicionado à matéria determinada faça parte do conteúdo intelectual.

Assim, a noção de causalidade em seu sentido clássico consiste em descrever um processo em que algo contribui para que outro seja gerado, ou seja, na relação causal, suponhamos que um objeto 1 seja responsável por gerar um objeto 2. A noção de casualidade assegura que, no processo em que algo é gerado, aquele responsável por gerar também transfere alguma propriedade sua para aquele que será gerado, ou seja, para que o objeto dois seja gerado é necessário que alguma propriedade do objeto 1 seja transferida nesse processo. Se assim for, nos parece que a noção de causalidade implica em contradição, tendo em mente o limite da relação entre sentido e intelecto, pois se uma coisa corpórea não pode agir sobre uma incorpórea, não se pode admitir que o conhecimento intelectual deva sua atividade a algum elemento que foi transferido da sensibilidade para o intelecto. Muito menos que o elemento transferido signifique a matéria enquanto princípio de individuação, pois isso nos

---

<sup>1</sup> Cf. ST. q.84, a. 6.

<sup>2</sup> Cf. Q. de anima. q.VI.

obrigaria a admitir um conteúdo inteligível condicionado à matéria determinada. Em virtude dessas considerações sobre a noção de causalidade, interessa ao nosso estudo apontar algumas possibilidades interpretativas para o sentido de causalidade presente no conceito de matéria da causa que melhor descreveriam a relação entre sentido e intelecto.

A noção de matéria da causa surge em Tomás como um modo de explicar a relação entre sentido e intelecto supondo a necessidade da sensibilidade para o processo de conhecimento. Para Tomás, a relação entre sentido e intelecto se explica na medida em que a sensibilidade dispõe das condições necessárias para que a atividade intelectual seja realizada grosso modo, a sensibilidade fornece a matéria necessária para que, no processo abstrativo, o intelecto abstraia a espécie inteligível das condições da matéria. Assim, a matéria que o Aquinate se refere como causa da atividade intelectual corresponde à condição necessária para que o ato de inteligir seja possível. Escapa-nos a certeza de apontar qual a natureza dessa matéria; se aqui ela se trata da matéria enquanto princípio de individuação. O que podemos afirmar, contudo, é que a matéria à qual Tomás se refere como matéria da causa não deve ser tomada enquanto matéria indeterminada, pois a matéria indeterminada é produto de uma atividade abstrativa posterior à sensibilidade.

Quanto ao sentido em que a noção de causalidade é apontada por Tomás, parece-nos que justificar a contribuição da sensibilidade para o processo de conhecimento, como o intelecto só pode conhecer a natureza da coisa sensível indiretamente, a sensibilidade fornece as condições necessárias para que o intelecto possa retornar à sensibilidade a ponto de estabelecer um contato indireto com a essência da coisa sensível. O fato de o intelecto agente ter que se voltar para a sensibilidade – os fantasmas – torna claro em que sentido a causalidade é admitida pelo Aquinate ela não se define como um processo em que algo é transferido para que outro seja gerado. Os sentidos são ditos a causa do conhecimento intelectual por fornecer as condições necessárias para que este aconteça. Assim, para preservar o limite da relação entre sentido e intelecto, Tomás apresenta a noção de **causa parcial** em oposição a **causa total**. A noção de causa parcial se explica por entender que a sensibilidade, por se tratar de um âmbito do conhecimento cuja natureza se encontra condicionada a matéria determinada, não pode ser a causa total do conhecimento intelectual, cuja natureza é imaterial e não condicionada à matéria determinada. Assim, a noção de causa parcial explica o limite da contribuição da sensibilidade para o gênero do conhecimento, isto é, a sensibilidade é causa parcial porque não modifica nada na potência intelectual, apenas disponibiliza a matéria e as condições necessárias em que o intelecto agente produz, através de um ato abstrativo, uma espécie inteligível que corresponda a uma semelhança imaterial da coisa sensível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Em suma, nosso estudo nos leva a compreender que um dos argumentos que sustenta a não arbitrariedade do intelecto ao conhecer algo diferente do que ele é, repousa sobre a contribuição da sensibilidade para que a potência intelectual seja atualizada. Nesse sentido, a participação da sensibilidade no âmbito do conhecimento intelectual possibilita que a potência cognitiva, ao se voltar para os fantasmas, tenha um contato indireto com a essência da coisa singular. Por mais que o contato consista em uma relação indireta, isto nos leva a inferir que a produção de uma espécie inteligível por parte do intelecto agente leva em consideração a realidade sensível, o que diferencia o conteúdo intelectual – espécie inteligível – da coisa sensível que ele representa é o modo em que a natureza da coisa sensível é considerada pelo intelecto e modo que ela [ a coisa sensível] se encontra na realidade sensível. O intelecto considera a natureza sensível de modo incorpóreo, absoluto e universal. Por outro lado, a coisa sensível se encontra na realidade segundo uma natureza corpórea, singular e individualizada. A possível relação causal entre sentido e intelecto, por sua vez, se trata de um

caso específico por não significar que a sensibilidade é a causa total e direta do conhecimento intelectual. Além disso, compreendemos que o sentido de causalidade apontado pelo Aquinate é subordinado à tese de que algo corpóreo não pode causar nada em algo incorpóreo. Sendo assim, o limite da relação entre sentido e intelecto caracteriza a sensibilidade como causa do conhecimento intelectual na medida em que os sentidos fornecem as condições necessárias para o ato do conhecimento intelectual. Por essas razões, a noção de matéria da causa, no contexto do processo de conhecimento, pode ser compreendida como um modo de justificar e descrever a relação entre a sensibilidade e potência intelectual

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Tradução de Aldo Vannuchi et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I e II.
- \_\_\_\_\_. *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio, questões 5 e 6*. Tradução e introdução de Carlos Arthur R. do Nascimento. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O Ente e a Essência*. Tradução de Carlos Arthur R. do Nascimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Questões Disputadas Sobre a Alma*. Tradução de Luiz Astorga. São Paulo: Realizações, 2014.
- \_\_\_\_\_. **De Veritate**, q.1. In: **Verdade e Conhecimento**. Tradução de Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 138-165.
- \_\_\_\_\_. **De Veritate**, q.1. In: **Cuadernos de Anuário Filosófico**. Tradução de Angel Luiz Gonzalez, nº 142. Pamplona: Universidade de Navarra. Disponível em: <<https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/5860/1/142.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.
- \_\_\_\_\_. Tomás de Aquino e a Essência Absolutamente Considerada. **Kriterion: Revista de Filosofia**, vol. 56, nº 131, Belo Horizonte, Jan/Jun 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2015000100095](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2015000100095)> Acesso em 02.01.2018.
- ARISTÓTELES, *Metafísica*; Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale; tradução Marcelo Perine, 5. Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- ARISTÓTELES. *De Anima*. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.
- FAITANIN, Paulo S. El Individuo en Tomás de Aquino. In: **Cuadernos de Anuario Filosófico** - Serie Universitaria, v. 138, p. 14, 2001. Disponível em: <http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/5790/1/138.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2017..
- \_\_\_\_\_. Elemento, princípio, causa e operação oculta na matéria segundo Tomás de Aquino. In: **Aquinate** (Niterói), Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 56-63, 2005.
- LAZARINI, Richard. A importância da quiddidade segundo a teoria do conhecimento de Tomás de Aquino. In: **Seminários dos estudantes de Pós Graduação em Filosofia, 10., 2014, São Carlos. Anais do seminário dos estudantes de pós-graduação em filosofia da UFSCar São Carlos: UFSCar, 2014. p. 341-352**. Disponível em <<http://www.ufscar.br/~semppgfil/wpcontent/uploads/2012/05/32RichardLazarini.pdf>>. Acesso em 10.01.2018.
- LANDIM FILHO, R. F. **A Questão dos Universais segundo a Teoria Tomista da Abstração**. Analytica (UFRJ), v. 12, p. 11-33, 2008.

PORFÍRIO. *Isagoge*: introdução, tradução e comentário de Bento Silva Santos. São Paulo: Attar, 2002.

SILVA, M. A. O. Essência e reduplicação em Tomás de Aquino. In: SILVA, M. A. O. **Linguagem e Verdade na Filosofia Medieval**. Salvador: Quarteto Editora, 2013. p. 111 – 127.

JOÃO, J.N. B.V. *Tomás de Aquino: O Ente e a Essência como Concebidos Primeiro pelo Intelecto*. Griot – Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia – Brasil, v.9, n.1, junho-2014. p.181-190..